

FILOSOFIA ENTRE OS AMERÍNDIOS BRASILEIROS*

ARAÚJO, Robson. **Filosofia entre os ameríndios brasileiros**: em meio ao plausível e o justificável. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2023.

Fabiano Veliq**

O livro *Filosofia entre os ameríndios brasileiros*: em meio ao plausível e o justificável se apresenta como um curto ensaio para pensar a plausibilidade de se falar de uma filosofia indígena brasileira. O autor inicia o seu texto partindo de uma tentativa de caracterizar o filósofo como aquele disposto a pensar o mundo a partir da sua realidade, e propõe essa reflexão primeira para justificar a possibilidade de falarmos de uma filosofia indígena sem particularizar o termo filosofia.

Ao longo do livro, Robson Araújo defende que a forma com a qual o indígena ameríndio brasileiro lida com o mundo possui uma dimensão filosófica que teria sido esquecida depois da colonização europeia, que relegou as visões de mundo dos povos ameríndios a meras elucubrações sem sentido. O autor quer defender basicamente dois pontos na sua obra: a perspectiva de uma filosofia indígena e a importância sociocultural dela no cenário atual. Para isso, ele se propõe a investigar um pouco dos mitos indígenas brasileiros para mostrar que, assim como os gregos, a filosofia indígena também começa com seus mitos.

No segundo capítulo Araújo traz o problema da perspectiva filosófica ameríndia, que deve ser pensada como filosofia não do ponto de vista de um eurocentrismo, mas como uma filosofia que encara os problemas do mundo no qual é feita, ou seja, a filosofia indígena é filosofia, pois é um colocar-se de maneira crítica diante do mundo na tentativa de explicar a sua realidade. A miscigenação do povo brasileiro daria um bom substrato para uma filosofia nova, e é essa a perspectiva que o autor quer abordar ao falar de uma filosofia indígena.

Os capítulos três, quatro e cinco são mais históricos que propriamente filosóficos e propõem uma reflexão mais panorâmica da relação dos indígenas brasileiros com os colonizadores europeus. O autor ressalta aspectos da visão dos colonizadores sobre os índios e, ao mesmo tempo, a visão dos índios sobre os colonizadores para ressaltar que o processo de

* Texto recebido em 30/03/2023 e aprovado para publicação em 20/05/2023.

** . Doutor em Filosofia pela UFMG. Doutor em Psicologia pela PUC Minas. Mestre em Filosofia da Religião pela FAJE. E-mail: veliqs@gmail.com.

conhecimento dessas duas realidades é extremamente mais complexo do que o que se ensina nos manuais de história. Em seguida o autor foca nas missões ou reduções feitas pelos jesuítas como uma espécie de paradigma de uma relação mais amistosa entre os indígenas e os colonizadores.

Robson Araújo ressalta que os jesuítas teriam sido hábeis no processo de dialogar com diversos povos indígenas, e chama a atenção para certas semelhanças entre as reduções jesuítas e as propostas comunistas que surgirão no século XIX na Europa. Esse ponto do livro se mostra um pouco mais frágil, pois não se tem uma preocupação teorizadora aqui, mas se pretende fazer uma aproximação que a nosso ver não funciona do ponto de vista teórico. O autor vai exaltar a chamada república Guarani, que teria sido um grande Estado indígena que durara cerca de 200 anos com um contingente de mais de 300 mil pessoas e que respondia às exigências democráticas mais modernas já no século XVI e XVII.

Em seguida o autor passa a comentar, com o auxílio da obra de Viveiros de Castro, alguns aspectos da cultura indígena e a sua forma de lidar com o mundo e com a natureza que o cerca. Nesse momento do livro começam a ser ressaltadas características da visão de mundo não individualista do indígena, que ao invés disso primária pela coletividade, em uma espécie de “comunidade cósmica” na qual as diferenças são integradas por todos os participantes de determinada comunidade.

No capítulo seis, Araújo se propõe a expor alguns elementos do que ele chama de “pensamento indígena”, e nesse momento se ancora nas reflexões de Levi-Strauss e Viveiros de Castro para ressaltar aquilo que Viveiros de Castro chama em seu livro *Metafísicas canibais* de “humanidade de fundo”. De Levi-Strauss, o autor retira a ideia do “pensar com as coisas”, que seria a marca dos povos ameríndios, que ao invés de se colocarem como separados dos outros objetos da natureza, se veem como copertinentes a eles, o que os leva a pensar a relação entre eles. Nesse ponto acontece o que o autor chama de “dissolução do sujeito no pensamento ameríndio”, pois o sujeito não é mais visto como um indivíduo separado, mas integrado ao mundo que o cerca. O autor chama a atenção para o fato de que a crise climática contemporânea traz a perspectiva dos povos indígenas para o centro do debate, ao pensar a relação de codependência do homem para com a natureza.

O último capítulo do livro traz uma brevíssima apresentação de três expoentes indígenas que se colocam no cenário brasileiro e mundial com suas reflexões. Seriam eles: Davi Kopenawa, escritor, Xamã e líder político Yanomami; Daniel Munduruki, doutor em

educação pela USP que tem feito trabalhos interessantes a partir da literatura infantil na tentativa de aos poucos ir alterando no imaginário popular a visão que se tem do indígena; e Ailton Krenak, ambientalista e escritor que traz boas reflexões sobre a relação do homem com a natureza, assim como reflexões sobre o capitalismo tardio da perspectiva indígena.

O livro é um livro simples que pretende ser uma introdução ao pensamento indígena brasileiro. Para quem pretende ter um primeiro contato com o debate, acredito ser um livro interessante. Não é a pretensão do autor entrar em debates mais profundos sobre a metafísica indígena, a epistemologia indígena, e muito menos entrar em contraposições entre a filosofia europeia e a filosofia indígena brasileira. Nesse sentido o livro se assemelha mais a uma pequena introdução ao tema com um aporte mais histórico do que propriamente filosófico. O autor cumpre o objetivo proposto no título, isto é, justificar a plausibilidade de se falar de uma filosofia indígena e ao mesmo tempo deixa claro que é um assunto que tem ganhado terreno e se tornado cada vez mais importante devido à crise climática que assola o mundo.